

A IMPORTÂNCIA DAS INTERAÇÕES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM CAMINHO PARA COMPREENDER O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Sílvia Mara da Silva*
Maria Angélica Olivo Francisco Lucas**

Introdução

Este texto é resultado do trabalho desenvolvido ao longo da disciplina Prática de Ensino em Educação Infantil do 4º ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, no ano letivo de 2002. As atividades desta disciplina iniciaram com a inserção dos acadêmicos no campo de estágio – Centros Municipais de Educação Infantil, através de observação e participação das atividades desenvolvidas nestas instituições, com o objetivo de conhecer sua estrutura e organização pedagógica. Esta prática possibilitou o levantamento de uma questão (problema de pesquisa) a ser estudada. Nas observações realizadas, nos instigou uma prática bastante comum em instituições educativas que trabalham com crianças de 0 a 6 anos: a realização das atividades em mesas quadradas que comportam 4 crianças.

A princípio, tínhamos a idéia de que o motivo das crianças estarem assim distribuídas para trabalhar era conhecido, fazendo parte do senso comum dos profissionais que atuam com esta faixa etária. No entanto, as observações realizadas foram nos revelando que aquilo que parecia óbvio havia se tornado uma prática institucionalizada, ou seja, feita por todos e repetida sem que se tivesse consciência do porquê. Podemos fazer tal afirmação por que muitas vezes esta disposição permitia que as crianças estivessem apenas fisicamente próximas, mas não possibilitava que a interação entre elas realmente se estabelecesse. Era comum ouvirmos: “Cada um faz o seu!” “Não atrapalhe o coleguinha!” Apesar disto, percebíamos que uma relativa interação entre as crianças acontecia, pois um pedia para o outro o lápis de uma determinada cor, perguntava como fazia florzinha “daquele jeito”, admiravam o desenho dos colegas. Além disso, foi possível observar que, geralmente, o critério utilizado para formar os quartetos estava relacionado ao comportamento das crianças e não a possibilidade de enriquecer as interações. Outro fato observado foi que,

* Pedagoga – UEM e Terapeuta do CEADI – Santa Terezinha – Maringá-PR.

** Profa. do DTP – UEM. Mestre em Educação.

embora as atividades fossem realizadas em grupo, havia uma relativa dificuldade dos professores em integrar os membros do grupo.

Dois caminhos foram percorridos com o objetivo de encontrar respostas a estas questões que tanto nos instigaram. Primeiramente, foi elaborado um projeto de pesquisa que foi desenvolvido, no decorrer do ano letivo e no desenrolar das demais atividades da disciplina Prática de Ensino em Educação Infantil, cujos resultados estão aqui apresentados. Num segundo momento, uma oficina pedagógica de modelagem foi planejada e desenvolvida com o objetivo de promover uma atividade significativa para crianças de diferentes faixas etárias, que propiciasse uma troca efetiva de informações e interações.

A Importância das Interações Sociais

Neste trabalho, nos propomos a pensar sobre a importância das interações sociais no trabalho de cuidar e educar as crianças de 0 a 6 anos que ficam em instituições para este fim tendo como referencial os pressupostos básicos da teoria histórico-cultural, aqui representada pelo pensamento de Vygotsky (1896–1934). A discussão dessa teoria nos remete a constituição do ser humano que implica no relacionamento com o outro, uma vez que são as interações sociais que fornecem a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo.

Oliveira (1997, p. 10) afirma que este desenvolvimento constitui-se um processo de transformação, pois “primeiramente o indivíduo realiza ações externas que serão interpretadas pelas pessoas ao seu redor, de acordo com os significados culturalmente estabelecidos à suas próprias ações e assim desenvolve os seus processos psicológicos internos”. Este processo foi denominado por Vygotsky como *internalização*, ou seja, reconstrução interna de uma operação externa.

Vygotsky (1989, p.64) assevera-nos que “todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica) e, depois, no interior da criança (intrapsicológica)”. Para ele, as origens da vida consciente e do pensamento abstrato deveriam ser procuradas na interação do organismo com as condições de vida social e nas formas histórico-sociais da espécie humana, procurando analisar o reflexo do mundo exterior no mundo interior dos indivíduos, a partir da interação destes sujeitos com a realidade.

A concepção vygotskyana tem como princípio a dimensão sócio-histórica do psiquismo onde, o pensamento é construído aos poucos. Esta abordagem procura explicar o desenvolvimento humano considerando a história. “O objetivo central desta teoria é caracterizar aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formam ao longo da história humana e como se

desenvolvem durante a vida do indivíduo”, afirma Vygotsky, (1995, p. 38). Assim, ao mesmo tempo em que o homem transforma o seu meio, ele transforma a si mesmo. Portanto, o desenvolvimento humano ocorre através de trocas recíprocas entre o indivíduo e o meio, influenciando um sobre o outro, continuamente.

Segundo a abordagem histórico-cultural a criança nasce em um mundo humano e aos poucos vai se adequando aos objetivos e fenômenos de seu meio cultural¹. Segundo Fontana e Cruz (1997, p. 57), “seus modos de perceber, representar, se explicar e de atuar sobre o meio, seus sentimentos em relação ao mundo, ao outro e a si mesmo, enfim, seu mundo psicológico, vão se constituindo nas suas relações sociais”. Desde o nascimento da criança ocorre um processo de interação com os adultos que compartilham com ela o seu modo de viver. Existe, portanto, uma contínua interação entre as condições sócio-culturais e a base biológica do comportamento humano. Por esta razão, para Vygotsky, não existe uma seqüência universal de estágios cognitivos. É a interação do indivíduo com o meio a característica definidora da constituição humana. Esta constituição depende do desenvolvimento de funções mentais superiores que são “mecanismos intencionais, ações conscientes controladas, processos voluntários que dão ao indivíduo a possibilidade de independência em relação às características do momento e espaço presente” (Rego, 1994, p. 39).

A teoria vygotskyana considera que para compreender o desenvolvimento é necessário partir daquilo que a criança consegue realizar sozinha. Isto é denominado de *nível de desenvolvimento real*, ou seja, capacidade de realizar as atividades sem ajuda de outro. Oliveira (1997, p.59) afirma que o “nível de desenvolvimento real da criança caracteriza o desenvolvimento de forma retrospectiva, ou seja, se refere-se as etapas já conquistadas pela criança”. O *nível de desenvolvimento potencial* se refere a capacidade da criança desempenhar tarefas com a ajuda de adultos ou companheiros mais capazes. O conceito de “zona de desenvolvimento proximal (ZDP), refere-se a distância entre aquilo que a criança é capaz de fazer de forma autônoma (nível de desenvolvimento real) e aquilo que ela realiza em colaboração com os outros elementos de seu grupo social”. (Rego, 1997, p. 73).

É na zona de desenvolvimento proximal que as funções psicológicas amadurecem para se consolidar em seu nível de desenvolvimento real. São os adultos e as crianças mais experientes que colaboram para que este processo de maturação ocorra. É possível afirmar que o desenvolvimento pleno do ser humano depende do aprendizado que

¹ Os fenômenos de seu meio cultural aqui são entendidos como seus modos de perceber, representar, explicar-se e de atuar sobre o meio, seus sentimentos em relação ao mundo, ao outro e a si mesmo.

realiza num determinado grupo cultural. Por isso, a mediação como processo de intervenção de um elemento intermediário em uma relação constitui um elemento fundamental para o processo de desenvolvimento. Em outras palavras: ela é o instrumento que promove o aprendizado e impulsiona o desenvolvimento humano. Esta possibilidade de alteração do desempenho de uma pessoa pela interferência de outra é um dos pressupostos fundamentais da teoria vygotskyana.

A Mediação no Processo de Ensino-Aprendizagem

Os centros de educação infantil são por excelência o local onde a vida coletiva favorece as interações em grupo, pois são ambientes que recebem, constantemente, influências das condições sócio-culturais, determinantes do processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Nas palavras de Abramowiz (1995, p. 39): “A creche é um espaço de socialização de vivências e interações”. Neste espaço as interações traduzem-se por atividades diárias que as crianças realizam com a companhia de outras crianças sob a orientação de um professor. A partir da compreensão de que estas situações contribuem para o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil, é possível o professor e demais profissionais da Educação Infantil redimensionar a sua prática pedagógica e re-significar o papel da interação na educação infantil.

Ao apresentar os pressupostos vygotskyanos do processo ensino-aprendizagem, é nossa intenção destacar a importância de valorizar a mediação neste processo, e trazer reflexões para a prática dos professores que atuam na Educação Infantil. Diante das premissas básicas apresentadas acima, o papel do professor muda radicalmente, pois o coloca além do centro do processo, como aquele que ensina enquanto as crianças aprendem passivamente; e além da postura de aguardar que as crianças digam o que, como e quando querem aprender. Ao contrário, de acordo com a perspectiva aqui defendida, o professor torna-se o agente mediador do processo de ensino-aprendizagem, propondo desafios às crianças a orientando-as a resolvê-los. Assim, por meio de intervenções, o professor pode contribuir para o fortalecimento de funções que ainda não estão consolidadas, e para o desenvolvimento de outras. Este processo torna-se mais rico, sobretudo na Educação Infantil, quando são proporcionadas atividades grupais, em que os alunos mais adiantados poderão cooperar com os demais.

Esta concepção rompe com a idéia de que o aluno deve descobrir sozinho as respostas, e principalmente que a aprendizagem é uma atividade individual e independente do grupo cultural. A aprendizagem escolar implica uma constante reorganização de experiências, por isso é importante que o professor tenha domínio do quanto a criança ainda necessita para chegar a produzir determinadas atividades com autonomia.

O professor poderá avaliar não apenas as aquisições conceituais por parte das crianças, mas também o nível e o tipo de interação que ele, como membro mais experiente do grupo está proporcionando ao desenvolver o trabalho pedagógico.

Amassando, Modelando e Interagindo: Relato de uma Experiência

O plano de trabalho da disciplina Prática de Ensino em Educação Infantil previa a organização de uma oficina pedagógica para a qual tivemos liberdade de escolher o tema a ser desenvolvido: modelagem com argila. Nosso objetivo foi desenvolver um trabalho de modelagem tendo como referência os estudos que estávamos realizando no projeto de pesquisa. O critério utilizado para tal escolha foi a possibilidade de promover interações por meio de uma atividade significativa tanto para as crianças menores (2 a 3 anos), quanto para as maiores (5-6 anos).

Para tanto, foi necessário planejar diversas intervenções que atendessem à diferença de idade das diferentes turmas, uma de cada vez. As crianças eram acomodadas em bancos colocados sobre longas mesas de forma que cada uma estivesse sempre ladeada e a frente de outras,. Isso facilitou a troca de informações que as vezes acontecia de forma verbal, e outras vezes apenas por meio da observação do que o outro estava fazendo com seu pedaço de argila.

Para a maioria das crianças, esta era a primeira vez que “brincavam” com argila. Em quase todas as turmas, foi necessário explicar o que era argila, para que ela servia, em que era utilizada. Algumas crianças afirmavam: “É igual barro!” Outras, a princípio apresentaram um pouco de receio em “mexer” na argila, trabalhando com as pontinhas dos dedos, havendo até quem perguntasse se era “cocô”. Após amassarem e modelarem o que desejavam, e conversarem com os colegas vizinhos sobre o que estavam fazendo, cada criança colocou seu trabalho numa bandeja feita de caixa de leite com uma etiqueta com seu nome. Por fim, os trabalhos de todas as turmas ficaram expostos para que os demais pudessem verificar o que os outros fizeram com argila.

Algumas Considerações Finais

A elaboração deste trabalho possibilitou a reflexão e a ampliação de nossos conhecimentos sobre a possibilidade de desenvolver atividades significativas com crianças de 0 a 6 anos em instituições educativas com o objetivo de promover interações aluno-aluno e aluno-professor.

Pode-se afirmar que a vivência com outras crianças e adultos nos centros de educação infantil, é importante para o desenvolvimento infantil, pois provoca novas experiências, permite adquirir novos hábitos, atitudes, valores e também a linguagem daqueles que interagem com a criança. É

desta forma que os seres humanos se integram na história e na cultura de uma determinada forma de organização social.

Ficou claro que promover interações é muito mais do que aproximar fisicamente as crianças e que a disposição das carteiras, mesas e cadeiras é apenas uma condição que pode facilitar tal tarefa. Muito mais do que a organização do ambiente, é necessário que o professor e demais profissionais que atuam na educação infantil conheçam as premissas básicas da teoria histórico-cultural sobre o processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, e em razão disso, se reconheçam como os membros mais experientes de um grupo cujas funções são a promoção de interações e a mediação do conhecimento.

Referências

ABRAMOWIZ, A. e WAGKOP, G. **Creche**: atividades para crianças de zero a seis anos. São Paulo: Moderna, 1995.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

REGO, T.C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1988.

Endereço para correspondência:

Universidade Estadual de Maringá / Departamento de Teoria e Prática da Educação
Av. Colombo, 5790
CEP: 8720-900 – Maringá-PR
E-mail: mangelicaofl@iibest.com.br